

Pindorama

REVISTA BRASILEIRA DE LITERATURA

UM PUBLICAÇÃO DA ACADEMIA BRIGADIANA DE LETRAS DO RS

Vol. 1, Nº 4/2024



Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil

Pindorama

REVISTA BRASILEIRA DE LITERATURA

UMA PUBLICAÇÃO DA ACADEMIA BRIGADIANA DE LETRAS DO RS

Vol. 1, Nº 4/ 2024

ISSN 2966-2974

Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil

Expediente

Dados da Publicação

Pindorama – Revista Brasileira de Literatura é uma publicação periódica editada sob responsabilidade da *Academia Brigadiana de Letras – ABRIL*, entidade cultural com sede em Porto Alegre – Estado do Rio Grande do Sul – Brasil, registrada no 1º RCPJ de Porto Alegre sob nº 58.083 e inscrita no CNPJ sob o nº 09.466.484/0001-33, em versão impressa e via *e-mail*, tendo periodicidade trimestral.

Conselho Editorial

Alberto Afonso Landa Camargo
Ubirajara Anchieta Rodrigues
Moisés Silveira de Menezes
Carlos Vieira Nogueira
Jerônimo Carlos Santos Braga
Pércio Brasil Álvares

Diretor de Redação

Pércio Brasil Álvares

Vol. 1, Nº 4/ 2024

ISSN 2966-2974

Porto Alegre – RS – Brasil
Periodicidade trimestral.

Distribuição dirigida e gratuita.

Solicitamos permuta.

Pidese canje.

We request exchange.

Copyright © 2024

Academia Brigadiana de Letras – ABRIL

Endereço:

Av. Cristiano Fischer nº 1331 – Bairro
Jardim do Salso – CEP 91410-001 – Porto
Alegre – RS – Brasil.

e-mail:

contato.secretaria.abril@gmail.com

Printed in Brazil.

Apresentação

Este nº 4 da *Revista Pindorama* encerra o projeto editorial inicial de nossa publicação institucional que consegue ser concluído com êxito depois de grandes esforços e muita dedicação.

O projeto original por certo reclamará redimensionamento porque a manutenção da periodicidade regular do periódico tem sido o grande desafio.

Na nova fase da publicação, sua periodicidade deverá ser semestral para que a regularidade das publicações seriadas seja mantida com maior facilidade e não está descartada sua abertura para uma abrangência de nível nacional, proporcionando, especialmente, a participação dos quadros de nossas instituições culturais congêneres – as Academias de Letras e Artes de Militares das Unidades da Federação – que atualmente já totalizam quatorze (MG, RS, SC, MA, PR, PB, RN, TO, GO, BA, PA, CE, PE), contando, também, com a entidade de nível nacional integrada por uma representação de cada Unidade da Federação.

Assim, a oportunidade de ampliação do alcance do periódico às manifestações desse universo mais amplo de produtores e consumidores de literatura, arte e cultura poderá conferir maior amplitude e alcance à publicação, na consecução de sua finalidade.

Procuraremos perseverar no fomento e divulgação do que é produzido e valorizado no meio específico de nossas entidades culturais e pelo público das instituições militares estaduais.

Tenha uma boa leitura!

Alberto Afonso Landa Camargo

Presidente da ABRIL

Sumário

Expediente	4
Apresentação	5
Sumário	7

1. Prosa	9
1.1 <i>O motivo da metáfora</i> (ensaio)	11
1.2 <i>Nesta ímpia e injusta guerra</i> (conto)	19
1.3 <i>A responsabilidade e o compromisso de quem integra uma academia literária</i> (crônica)	24
1.4 <i>Assim sou eu</i> (crônica poética)	27

2. Poesia	31
2.1 <i>Raízes beduínas para um canto gaúcho</i>	33
2.2 <i>Poesia: o menos é mais</i>	36
2.3 <i>O trespasse</i>	37
2.4 <i>Pátria e linguagem</i>	38
2.5 <i>Às vezes</i>	39
2.6 <i>Mudança de estação</i>	40

Prosa

O MOTIVO DA METÁFORA¹: DOS GIRASSÓIS, DA ARTE E DA ADMIRAÇÃO (PARTE I)

Sérgio Flores de Campos²

A metáfora é provavelmente a potência mais fértil que o homem possui [...] parecendo um brinquedo da criação que Deus esqueceu dentro de uma de suas criaturas [...] (ORTEGA Y GASSET, 2021, p. 43).

O Motivo da Metáfora

De pronto é esclarecido que o *motivo da metáfora* está direcionado à presença do Ser na Realidade³. A realidade emerge do mistério de estratos de ordem e desordem, suscitando temeridade, curiosidade, melancolia e resignação. Nela o ser opera para manter a própria unidade vital, sob duplo esforço: compreendê-la e, ainda, a si mesmo.

Na instância da imaginação e da linguagem, a metáfora aparece como uma necessidade para que haja a interação da pessoa com as sutilezas do mundo. Ela pode aparentar absurdidade ao dizer que uma coisa é outra parecendo ser uma só, mesmo assim cada uma permanece sendo o que é. Essa peripécia joga com a lógica mostrando um mundo absorvido pela mente humana. A seguir apresenta-se uma construção sobre a memória e imaginação utilizando-se a figura de linguagem:

Memória é um registro [...] É um museu encantado, uma loja feérica de antiquário em que os objetos se agitam, laçam, mudam de forma e de cor, sem que o proprietário consiga dois minutos de ordem e boa arrumação.

[...] imaginação; essa câmara de projeções combinadas, que superpõe espetáculos, que aproxima vulcões, estrelas e rosas [...] (CORÇÃO, 2018, p. 222-223).

¹ Este artigo que começa a ser publicado neste número da *Revista Pindorama* será dividido em sete ensaios, para inserção em distintas edições.

² Sérgio Flores de Campos. Acadêmico da ABRIL. Terapeuta. Autor dos Livros: *Pandemicon: Relatos do Confinamento no Mundo do Loucoldown*, 2020; *Perplexos Entre o Fundo e a Superfície*, 2023. (<https://sergiofloresdecampos.prosaeverso.net>)

³ Realidade: a) Como continente: é a universalidade daquilo que é e acontece sem poder ser reduzida a uma fórmula ou conceito. É aquilo que ocorre, que se atualiza e impõe-se independente da vontade do sujeito. b) Como experiência: o Ser, em um estado de consciência diante do objeto, percebe o que ele, Ser, não é e, no entanto, percebe que não está totalmente separado do objeto. Por fim, o reconhecimento da inabarcabilidade da realidade relaciona-se à lucidez.

Considerando-se que existe um chamado da realidade, então, a resposta dada pelo ser humano tem raiz na atividade criativa e aparece como arte e pensamento, tal qual propõe Joshua Heschel:

Assim como nenhuma flora jamais manifestou em toda a sua plenitude a vitalidade oculta da terra, também nenhuma obra de arte conseguiu comunicar a profundidade do inexprimível em cuja vizinhança vivem as almas dos santos, dos poetas e dos filósofos.

A tentativa de transmitir o que vemos e não podemos dizer é o tema eterno da sinfonia inacabada da humanidade, um empreendimento nunca concretizado (HESCHEL, 2021, p. 144. Tradução Livre).

A tensão, entre o expressável e o inexpressável, é experimentada quando se tenta transpor em palavras a experiência diante da noite escura e do céu estrelado. Então, surgem as figuras de linguagem e as narrativas para decodificar o que se apresenta em potência, o *vir a ser*. Assim, o sujeito inclina-se sobre os mistérios utilizando-as como um adicional que ameniza dilemas e insatisfações perante indagações que persistem e, desta maneira, passa do “não sei” para “é possível que seja”. A mitologia e sua sabedoria nos serão sempre uma emergência na medida em que a curiosidade ante a universalidade nem sempre pode ser satisfeita por um domínio conceitual especializado. A razão contempla, portanto, essa abertura imaginativa a todas as possibilidades da experiência. O ser humano instala-se no mundo a partir de narrativas unificadoras para que tanto ele, quanto a comunidade, alcancem ordem e sentido.

A palavra, a narrativa, ritos, as artes, como partes estruturais da cultura, servem para colocar o ser humano nessa realidade levando-o à intuição, à expressão e a criação de vínculos com outras pessoas e com o mundo. Exemplifica-se tal abordagem por meio do simbolismo do círculo encontrado nos rituais em distintas épocas e lugares. Nota-se que há um liame entre a simbologia e a busca da harmonização do indivíduo consigo mesmo, dele com a realidade e com a divindade (CAMPBELL, 1990, p. 226-228; JUNG, 2022, p. 18-19 e p. 323). Dos índios Navajos aos monges tibetanos o uso da mandala (palavra sânscrita para círculo), aparece em pinturas no chão em que o ritual, ou de cura, ou de

meditação, propõe uma passagem da pessoa por distintos aspectos da sua vida para, então, encontrar seu centro e harmonizá-la com o centro do universo. Não é menos significativo o simbolismo de união trazido pela aliança de casamento. Na prática, a relação entre o círculo e a instalação da pessoa na realidade pode ser verificada quando o sujeito, tentando localizar-se, percorre o olhar ao seu redor e, ao completá-lo, forma um círculo visual que lhe permite estabelecer minimamente onde está.

Note-se que deste pressuposto, de dizer de uma possibilidade por meio de uma expressão eixo representando um todo, nem a própria ciência pode prescindir, pois, ela própria escora-se em uma narrativa a partir dos parâmetros de *verdade* e da *qualidade de vida*: “[...] a busca cuidadosa e imparcial da verdade tornará o mundo um lugar melhor para todas as pessoas, ao reduzir o sofrimento, prolongar a vida e produzir riqueza” (PETERSON, 2021, p. 311). Mas, vale dizer, que o espírito científico não acolhe com satisfação o simbolismo (JUNG, 2022), pois, não consegue apreendê-lo, reduzi-lo e dar-lhe um sentido lógico e conceitual:

O problema com esse tipo de fenômeno é que são fatos que não podem ser negados, mas que também, não podem ser formulados em termos racionais. Para fazê-lo precisaríamos compreender a própria vida, pois é ela a grande criadora de emoções e ideias simbólicas (JUNG, 2022, p.113).

Nesta mesma esfera de tentativa de redução conceitual, a própria Psicologia enfrenta limitações, já que o fenômeno dos afetos (emoções) não encontra uma definição absoluta. Ou seja, a complexidade humana não pode ser enjaulada por linhas de pensamento.

Em mais um exercício analógico, sugere-se estabelecer uma relação entre a narrativa da ciência e a narrativa da literatura e do cinema. Podemos trazer aspectos da obra Admirável Mundo Novo de Aldous Huxley, 1984 de George Orwell ou filmes como Guerra Nas Estrelas, em que suas narrativas dizem dos avanços tecnológicos, contudo, não necessariamente capazes de salvar a humanidade ou manter sua dignidade. Há uma atração inevitável entre a sanha de poder, e controle sobre as pessoas, com a tecnológica. O poder também é abordado por John R. Tolkien em O Senhor dos Anéis, onde o mal é

vencido pela humildade e pela sinceridade. Ora, não menos revelador é perceber que a narrativa mítica da queda do ser humano do paraíso relaciona-se com a falta de humildade, pois, o orgulho, a pretensão de ser como deuses, traz o substrato do conflito entre o ser que deseja e o ser frustrado por não conseguir alcançar o seu capricho.

Tais perspectivas permitem um raciocínio a respeito de uma infinidade de hábitos modernos. Sendo a narrativa da ciência a busca da “qualidade de vida”, denota-se que os avanços tecnológicos, na prática, trazem efeitos paralelos em que elementos essenciais são deixados à margem para serem trazidas ao centro outras demandas, tal qual a busca obsessiva pelo maior número de seguidores e “curtidas” nas redes sociais, sem falar em distúrbios neuropsicológicos decorrentes do uso desordenado de aparelhos eletrônicos. Soma-se a tais efeitos colaterais a ruptura de preceitos éticos, examine-se a possibilidade de alguém utilizar de bancos de dados, através das chamadas “inteligências artificiais”, para criar textos como se fossem da sua própria autoria.

Retomando a relação entre a realidade e o ser humano, encontra-se no poema o Motivo da Metáfora de Wallace Stevens mais uma reflexão sobre os polos derivados desse processo relacional que tem de um lado o confronto e o ressentimento, e de outro, a compreensão e a aceitação:

“[...] O obscuro luar e o obscuro mundo/ De coisas que
nunca seriam totalmente expressas, / Onde você mesmo nunca
foi totalmente você mesmo/ E não queria nem tinha que ser, /
O motivo da metáfora, encolhendo-se / Do peso do meio-dia
primário, / O ABC do ser” (FRYE, 2017, p. 26).

Veja que o “peso do meio-dia” significa o mundo objetivo, misterioso e assustador. Já o universo menor é o próprio sujeito na resolução de enigmas utilizando-se do alfabeto que tanto está presente em si, quanto é absorvido da realidade objetiva. É pela integralidade que o continente e o conteúdo interagem. O poema, no seu ceticismo, provoca elementos como o ser, a realidade, ciclos, imaginação, a inteligência, a linguagem e a vida. Por essa abrangência tende-se a levar em conta que, se há o confronto entre o ser e aquilo que o cerca, em um estado incoerente de ressentimento e incompreensão, então, isto ocorre a partir de um ser fechado em si e que, no seu egocentrismo, jamais encontrará

a harmonia. Somente haverá a harmonia ao se transcender⁴, acolhendo a universalidade. O filósofo português Agostinho da Silva referiu-se a essa abertura e acolhimento da realidade da seguinte forma: “[...] Em lugar de ‘penso logo existo’, empregue o ‘sinto, e só existo quando sinto’, e por sentir, ‘o universo existe’ e verá como se lhe abre diante uma larga estrada de entendimento, de fraternidade e útil trabalho” (SILVA, 2019, p. 65).

Outro ponto observado é a autenticidade ao dizer das coisas, a inteligência inclina-se em direção à verdade, pois, ninguém cria uma argumentação e, ao fim, conclui que é falsa. Em relações cotidianas, há a presença da mentira, jogos de aparências e poder, além de dissimulação e manipulação. Nisso reside a má metáfora. Ela mata a boa metáfora ao distorcer a verdade que deveria ser reconhecida, ou ao limitar o leque de possibilidades que o mundo apresenta. Da má metáfora se chega à ausência da metáfora, quando a linguagem, deformada e meramente aliciadora, torna o ambiente estéril de humanidade, de excelência e de sabedoria. Nele sucumbem a ordem, o bem e a beleza substituídos pela obviedade, pela vulgaridade e pela violência. Neste caso a imaginação dá lugar à fantasia⁵, onde se acomodam os ressentidos e os conformados. Depreende-se que a fantasia gera sentimentalismo⁶, já a imaginação, provoca a emoção e o intelecto.

⁴ Transcender: ir para além do aqui e agora articulando conhecimentos em distintas situações. O mundo sensível prontamente apreendido é apenas um recorte de uma realidade que está acontecendo fora dos limites do tempo e espaço da experiência do sujeito. Transcendência é uma ordem-condição que envolve, e torna possível a experiência, revelando-se no seu transcurso, possibilitando que as causas desta experiência sejam rastreáveis. Transcender é sair de si mesmo e abrir-se para a infinita realidade e suas possibilidades. Tal processo seria, em suma, o fim pretendido pela Educação.

⁵ Fantasia: efeito da exposição do sujeito a um produto de fácil absorção formatado pelo meio cultural com um fim comercial e/ou político.

⁶ Sentimentalismo: “[...] é a expressão da emoção sem julgamento” (DALRYMPLE, 2015 p. 87). Estado da personalidade caracterizado por carências psíquicas em que o indivíduo demonstra sentimentos de autocongratulação, autoindulgência, infantilidade, baixa autoestima, sentimento de impotência, ressentimento e vontade de heroísmo. Também, pode apresentar, pela distorção da realidade, hipersensibilidade diante de eventos que são insignificantes para a maioria das pessoas. Estas expressões exacerbadas devem ser exibidas necessariamente em público. Dessas características percebe-se que a pessoa afetada está sujeita à adesão a qualquer coisa que preencha seus vazios emocionais de bem-estar, e de reconhecimento. Então, ao encontrar e sentir-se acolhida por uma ideologia e um grupo, tende a aceitar sem dificuldades seus preceitos. “O ser humano suporta o rebaixamento, contanto que sua vaidade seja afagada e seu desejo de bem-estar, atendido” (QUINTÁS, 2018, p. 153).

O motivo da metáfora é associar a mente humana àquilo que transcorre fora dela. Mesmo que se alcance apenas uma parcela desta realidade, experimenta-se o sentimento de que se é parte daquilo que é conhecido (FRYE, 2017, p. 28). A metáfora como substrato das expressões em geral, em sua forma espontânea, insere-se em um ciclo virtuoso da imaginação e da inteligência. Quanto mais enriquecida for a imaginação, mais abrangente torna-se a capacidade perceptiva e intelectual. A aquisição da linguagem pelo recém-nascido acelera o seu amadurecimento intelectual e afetivo e, assim, influencia o desenvolvimento físico e psíquico: “[...] é a palavra que faz nascer o pensamento abstrato e a consciência” (NGHIEM. 2018, p. 40). A linguagem permite ao ser humano o pensamento, o impulso ao senso de continuidade e a busca do que há para além do momento presente. A vida humana é narrativa e projetiva.

Analizando esse aspecto da linguagem e do amadurecimento, intui-se que hoje se vive o exílio da palavra. Há um mundo de distração e entretenimento, um mundo de imitação, de vulgaridade, de mediocridade, enfim, nem mais se conta uma piada pela própria boca, pois se usa para isto o vídeo trazido de um arquivo fartamente “encaminhado”, solidificando, desta maneira, o mundo do recesso do cérebro e da alma. Em tal ambiente o ser humano, desprovido da capacidade reflexiva, é colocado de costas para a realidade (LLOSA, 2013, p. 67).

A maturidade da consciência permite diferenciar os sentimentos pessoais da realidade. Ela permite diferenciar entre o sentimento surgido diante de um objeto e a compreensão do que ele é, além do seu âmbito de possibilidades. Em um exemplo particular no campo da educação, aventa-se a confusão que prospera em uma cultura livresca, aquela das referências *ad infinitum* de textos enterrados em outros textos, que trazem expressões jamais sopesadas, porém, por parecerem profundas e por emocionarem, tornam-se chavões plasmados nos discursos em que ao se trocar o sujeito falante, outra boca continuará a repetir as mesmas palavras. Indo em sentido contrário, ao se exercitar o ato cognitivo e

identificando-se tal vaporosidade, é possível a superação de tal estado pelo alcance da percepção da experiência vivida em seu processo real e, por fim, conclui-se que uma palavra, uma opinião ou conceito podem não corresponder ao fato objetivo. Para JUNG (2022, p. 122) as palavras podem tornar-se vazias e destituídas de valor se não tiverem relação com o indivíduo vivo, acresça-se, com a realidade.

Nesse tipo de balburdia, em que os afetos passam a ser a realidade, criam-se profundos obstáculos à comunicação e à compreensão. Seria como uma reunião de perturbados atomizados defendendo superficialidades, sob fantasiosa sabedoria cristalizada em expressões enigmáticas. O efeito de tal comportamento estaria na incapacidade de se intuir o outro ou captar o que está sendo dito, enfim, uma vida de faz de conta. Uma pessoa compreende a outra pelo que é análogo a ela, em sinceridade compartilhada. Na ordenação de afetos e na preparação para a abertura de possibilidades é que se alcança o sentido da educação e da arte.

A realidade é uma experiência orgânica plena, que abrange o pensamento lógico, mas o treino restrito a tal pensamento pode fragilizar a imaginação. As crianças, em sua inocência, possuem uma consciência integral e experimentam a vida diretamente sem uma distância mental. O que seria interessante avaliar é o quanto o mundo moderno fragmenta essa integralidade por meio dos seus processos culturais e educacionais. O quanto contribui para uma lógica divorciada da imaginação, em um mundo de ideias que ocupam o lugar do mundo como tal. Um processo em que o signo e o significado se apartam do significante. A educação e arte deveriam estar direcionadas à preservação da: “[...] totalidade orgânica do homem e das suas faculdades mentais, de modo que quando passasse da infância para idade adulta [...] mantivesse, contudo, a unidade da consciência que é a única forma de harmonia social e de felicidade individual” (READ, 1982, p. 90).

A manutenção de unidade vital, instante em que o ser humano maduro experimenta a conexão com os outros e com o mundo, parte de um senso estético, percorre a percepção e chega a consciência. Portanto,

linguagem, arte e ciência interagem para que o ser humano esteja na realidade e se aproxime de apreensões que a expressem e a expliquem, mesmo que parcialmente.

Dentro desse vasto panorama, nada é mais justificável do que enfatizar a atenção a esse ente ao qual não se pode renunciar: “A realidade não é só física; é também, humana, pessoal, social, histórica. Suas estruturas são complexas e por isso mais difíceis de descobrir e precisar, mas nem por isso são menos efetivas” (MARÍAS, 2003, p. 24). Em sendo complexa nem a justificativa de sua transformação sob o pretexto de correção das imperfeições humanas, ou a suposta possibilidade de instalação de um paraíso terrestre, poderia acolher experimentos que a subvertam ou a sacrifiquem. Certamente, em uma ação de transformação desse tipo os parâmetros seriam permeados pelas mesmas imperfeições e incompletudes. Além do mais, nesse tipo de experimento⁷ contra a realidade, tanto o desejo de poder, quanto o reducionismo do ser humano a um estado de conformismo e animalidade são seus elementos constituintes.

A cultura oferece um conjunto de signos nos quais se encontram as diversas formas de Arte, neste conjunto transparece a globalidade da metáfora como expressão de uma impressão, como uma interrogação, como resposta e sugestão a impulsionar o ser humano. Na medida em que há a captura de elementos do mundo real, ainda há a necessidade de uni-los para que a realidade, então, seja compreensível ou que seja considerado aquilo que lhe é possível. Tal elaboração é realizada na memória e na imaginação. Nessa dinâmica ocorre o salto imaginativo que é necessário para a ação do sujeito no mundo. Ora, quanto mais enriquecido o imaginário do ser humano, maior a potência deste salto, maior a capacidade associativa, maior a capacidade de alargar possibilidades, maior a abertura da sua subjetividade à objetividade da

⁷ Como exemplo destes experimentos contra a realidade cita-se a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt: “Uma teoria que pretende erigir-se pela força transformadora da sociedade em meio de lutas e contradições sociais. Resumindo, seu objetivo é a destruição definitiva da ordem existente na modernidade e de todos os vestígios da pré-modernidade, e a metodologia para conseguir isso é a crítica sistemática e permanente, o enaltecimento do elemento utópico e a fomentação de um amplo pessimismo” (ITURRALDE, 2022, p. 90).

realidade, restando uma melhor compreensão do mundo e alternativas de ação.

(Continua na Parte II: *Imaginação; Falta de Imaginação e Desordem; Tao, Do Amor Ordenado e Da Humildade*)

Referências Bibliográficas

CAMPBELL, Joseph. *O poder do Mito*. Tradução Carlos Felipe Moisés. Palas Athena. São Paulo, SP, 1990.

CORÇÃO, Gustavo. *Lições do Abismo*. CEDET, Campinas, SP, 2018.

DALRYMPLE, Theodore. *Podre de Mimados: as consequências do sentimentalismo tóxico*. Tradução Pedro Sette-Câmara. 1ª ed. É Realizações. São Paulo, SP, 2015.

FRYE, Northrop. *A Imaginação Educada*. Tradução Adriel Teixeira, Bruno Geraidini e Cristiano Gomes. Vide Editorial, Campinas, SP, 2017.

HESCHEL, Joshua Abraham. *El Hombre No Está Solo*. Edição Seminário Rabínico. Buenos Aires, Argentina, 2021.

ITURRALDE, Cristián Rodrigo. *A Escola de Frankfurt*. Tradução Thaís Nicolini. Vide Editorial. Campinas, SP, 2022.

JUNG, Carl. *O Homem e Seus Símbolos*. 3ª Edição. Tradução Maria Lúcia Pinho. Editora Harper Collins, Rio de Janeiro, RJ, 2022.

LLOSA, Mário Vargas. *A Civilização do Espetáculo: Uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura*. Tradução Ivone Benedetti. 1ª Edição. Objetiva. Rio de Janeiro, RJ, 2013.

ORTEGA Y GASSET. *A Desumanização da Arte e Outros Escritos*. Vide Editorial. Tradução Wagner Shadeck. Campinas, SP, 2021.

MARÍAS, Julián. *Tratado Sobre a Convivência: Concórdia Sem Acordo*. Tradução Maria Estela Gonçalves. Martins Fontes. São Paulo, 2003.

NGHIEM, Minh Dung. *Música, Inteligência e Personalidade*. Tradução Felipe Lesage. Vide Editorial. Campinas, SP, 2018.

PETERSON, Jordan. *Além da Ordem: Mais 12 Regras Para a Vida*. Tradução Wendy Campos. Editora Alta Books. Rio de Janeiro, RJ, 2021.

QUINTÁS, Alfonso López. *A Tolerância e a Manipulação*. Tradução Gabriel Perissé. É Realizações. São Paulo, SP, 2018.

SILVA, Agostinho da. *Filosofia Enquanto Poesia*. Organização Amon Pinho. É Realizações. São Paulo, SP, 2019.

READ, Herbert. *A Educação Pela Arte*. Tradução Ana Maria Rabaça e Luiz Felipe Teixeira. 3ª Edição. Edições 70. Lisboa, Portugal, 1982.

“NESTA ÍMPIA E INJUSTA GUERRA”

*Alberto Afonso Landa Camargo*⁸

O sol esmaecido daquele meio-dia de inverno se derrama sobre o soldado Tobias, aquecendo-lhe o corpo enregelado por uma madrugada inteira de serviço acrescida de mais quatro horas em que ficou numa peça mal cheirosa de uma delegacia de polícia esperando acabar um auto de prisão em flagrante de um bandido que matara um pai de família em um assalto que não lhe rendera mais do que alguns trocados. Ele só pensa em chegar ao casebre onde mora e descansar.

Desce do ônibus em meio às casas da vila pobre onde mora. O cheiro desagradável do esgoto a céu aberto que corre pelas ruas de terra, já não mais sente chega às narinas. Empurra a porta e entra. Está sozinho. A mulher saiu para trabalhar e só volta no fim do dia ou já noite após apanhar o filho no colégio. O menino está na escola e deve continuar lá pelo resto da tarde na esperança de reforçar o estômago com a merenda que servem para os alunos. Esta merenda é extra, pois à que tem direito ele já pegou de manhã quando estuda. A da tarde ele espera conseguir pela bondade da merendeira que, burlando a vigilância da diretora, a estende também a alguns que não são do turno. Tobias dá uma olhada nas duas peças vazias do casebre e tenta lembrar há quantos dias não vê o filho. Com a mulher, quando se encontram no lar, mal troca algumas rápidas palavras, que sempre ficam limitadas aos problemas conjugais que aumentam a cada dia. Não são problemas de incompatibilidades, mas do trabalho. Ela labutando de dia e ele de noite, faz com que pouco conversem. Transas? Não tem ideia de quando foi a última vez. Chega a

⁸ Coronel Veterano da Brigada Militar do Rio Grande do Sul. Escritor, poeta, contista, com várias obras publicadas e premiações em concursos. Presidente da Academia Brigadiana de Letras – ABRIL-RS.

imaginar que a patroa poderia estar em casa tão logo chegue. Daria uma rapidinha antes de dormir...

Deita na cama sem tirar a farda. Liga o rádio. A voz do secretário de segurança anuncia que a polícia é violenta, truculenta e está afastada da sociedade, com a qual não se integra. Diz, também, que a polícia é corrupta e que vai expulsar os policiais fazendo uma polícia incorruptível e próxima da sociedade. Mal fecha os olhos e batem à porta.

- Seu Tobias, seu Tobias, socorro, judiaram da Tininha! – diz aquela voz do lado de fora.

Tobias salta da cama. Abre a porta. O vizinho, chorando, conta que um bandido acaba de estuprar a sua filha de dez anos e está num mato próximo com ela. Corre para lá junto com o vizinho e, no caminho, vão-se juntando mais pessoas. Ao chegarem ao local, o bandido coloca a menina à sua frente, encosta o cano do revólver na cabeça dela e avisa:

- Não cheguem perto que eu mato ela! Eu mato ela!

- Que é isso, rapaz! Te entrega e larga a guria! - retruca Tobias.

- Te entrega um caralho! E esses caras fazem o que junto contigo? Vão prá missa rezar a novena?

Os populares ameaçam avançar contra o bandido e ele aponta a arma na direção deles. Tobias grita com eles e tenta acalmá-los:

- Isto não adianta, o cara vai matar a Tininha, se acalmem! Deixem que eu falo com ele!

As pessoas continuam a gritar e ameaçam o bandido. Ele dá um tiro para o chão. Uns param e outros saem em disparada. Tobias aproveita para conversar com o bandido. Alguns minutos passam e o bandido resolve entregar-se, desde que as pessoas se afastem. Joga a arma no chão e, enquanto larga a Tininha que cai desmaiada, sai em desabalada corrida. As pessoas sequer dão atenção para a menina deitada no chão e correm atrás do bandido. O sangue escorre pelas pernas dela e mancha as folhas caídas das árvores. Tobias pega a menina nos braços e volta

para a rua. Em casa, a coloca rapidamente na sua Brasília amarela para levá-la a um hospital. Antes, tem o cuidado de ajeitá-la para que não se machuque mais do que já está com os arames das molas dos bancos que despontam pelo vinil rasgado. O arranque lento e arrastado não gira o motor e a Brasília não pega. Tobias pede que algumas mulheres que se acercam ajudem a empurrar o veículo. Ele funciona e sai aos solavancos e Tobias acelerando-o para que não volte a apagar.

Após enfrentar o trânsito lento da cidade, buzinando e fazendo sinais para que os outros carros deem passagem, chega ao pronto-socorro. No portão, um guarda impede a passagem de Tobias dizendo que não há vagas. A insistência do policial é inútil. Como é inútil mostrar para o guarda a menina sangrando sobre o banco da Brasília. Tobias se irrita:

- Mas afinal, quem decide quem deve ou não ser atendido nesta merda? Tu por acaso és médico? Escancara esse portão ou vou botar por cima dele!

Faz menção de sacar o seu velho revólver calibre trinta e oito e o guarda se assusta e corre para abrir o portão. Antes, ameaça:

- Vou fazer a tua caveira. Vou te enrabar! O que é teu 'tá guardado!

Tobias não dá atenção e entra rapidamente no hospital, enquanto dois enfermeiros correm para pegar a menina e levá-la numa maca para uma sala onde é atendida. Enquanto estaciona, um enfermeiro pede para que entre no hospital para doar sangue, o que Tobias faz prontamente dirigindo-se para uma mesa onde o procedimento é executado. Fica sabendo que o sangue não é para a menina, mas para outra pessoa. “Mais um que vai ter sangue de brigadiano nas veias”, pensa consigo. O som de um aparelho de TV colocado na sala para distrair os doadores lhe chama a atenção. Nele, roda uma entrevista do secretário de segurança dizendo que a Brigada tem que ser desmilitarizada porque os seus membros não ajudam a comunidade e a formação militar os afasta dela.

Ao sair do pronto socorro não se encontra com os pais de Tininha que acabaram de chegar, mas passam longe e rapidamente.

Precisa pedir ajuda para alguns transeuntes para empurrar a Brasília. Ela pega aos trancos e Tobias vai para casa pensando em descansar, afinal, já está há quase um dia sem dormir, a não ser naqueles poucos minutos em que se atirou na cama quando chegou em casa.

São sete da tarde quando chega à frente da sua casa. Ao descer da Brasília é informado por uma vizinha de que os moradores, entre seis, acabaram de prender o estuprador da menina e querem linchá-lo. Corre ao encontro do grupo e grita para que lhe entreguem o criminoso. Responde-lhe um homem brandindo um facão:

- Não te aproxecha, índio velho, ou te risco o lombo a *pranchaço*. Cria de Santiago não se mixa p'ra "pé-de-porco"!

Tobias vê-se obrigado a sacar seu revólver. Aponta-o para o ar e puxa o gatilho. A primeira batida dá em seco. A munição nega. Felizmente o segundo tiro sai e, enquanto a turba se refaz do susto, ele consegue tomar-lhes o bandido. Quando está afastando o estuprador, recebe um *pranchaço* de facão nas costas. O santiaguense acabara de cumprir a ameaça e só não dá outro golpe porque alguns da turba o seguram e entram correndo com ele em um barraco em frente. Com o estuprador preso e com a turba sob controle, Tobias pede que uma mulher telefone para o 190 e peça ajuda. Em seguida chega uma viatura da Brigada e Tobias entrega o criminoso para seus colegas e lhes explica rapidamente o que aconteceu. Eles se retiram temendo que a turba, refeita do susto, volte à carga. Com as costas doídas pelo *pranchaço*, pensa em ir atrás do santiaguense, mas desiste. Está cansado demais e em poucas horas deve ir para o serviço novamente. Vai conversar com ele outra hora.

Ao entrar em casa, sob a porta, junta um papel que lhe convoca a chegar mais cedo ao serviço para ser ouvido acerca de uma queixa apresentada por um guarda do pronto socorro, que o acusa de violência e de ofensas. Sacode a cabeça e entra para arrumar-se, afinal, já são oito e meia da noite. Tira as tampas das panelas sobre o fogão. Estão vazias. Não podia ser diferente, pois não teve tempo de fazer comida e sua mulher

ainda não chegou. A barriga ronca e ele bebe um copo de água tirada da torneira. É inverno, água gelada para quê? Vai para frente do espelho e, enquanto barbeia-se rapidamente, liga o rádio e lá está a entrevista de um sociólogo do Piauí convidado pela secretaria de segurança para fazer uma palestra:

- Precisamos de uma polícia cidadã, próxima das comunidades, que proteja as pessoas e que não esteja a serviço da repressão. Desmilitarizar a polícia militar é um imperativo!

Desliga o rádio. Termina de se barbear. Toma rapidamente um banho. Veste uma farda limpa e sai impecável para o trabalho. Pensa na mulher e no filho que ainda não viu. Quase chora...

Quando embarcado no ônibus que o levará ao centro da cidade, vê pela janela, do outro lado da rua, a mulher e o filho descendo de outro coletivo. Acena para eles inutilmente... não o viram...

A RESPONSABILIDADE E O COMPROMISSO DE QUEM INTEGRA UMA ACADEMIA LITERÁRIA⁹

Carlos Furtado¹⁰

Integrar um sodalício literário vai além de simplesmente participar de um grupo dedicado às letras: é assumir uma responsabilidade que ultrapassa os limites da individualidade e da criação artística. Aquele que ingressa em uma confraria literária compromete-se não apenas a cultivar sua própria arte, mas também a contribuir para a manutenção e o enriquecimento de um legado coletivo.

O sodalício literário é, por natureza, um espaço de intercâmbio cultural, partilha de conhecimentos e valorização da palavra escrita. Cada membro traz consigo sua voz, mas também o compromisso de preservar e disseminar a cultura, a história e a identidade que o grupo representa, o que inclui a participação ativa em atividades, produção de obras, ajuda na organização de eventos, passando pela crítica construtiva e pelo apoio mútuo entre os integrantes.

Além disso, a responsabilidade de quem integra um sodalício literário envolve manter viva a chama do saber, promovendo a leitura e o amor pela literatura não apenas entre os pares, mas também na sociedade. O membro deve atuar como embaixador da cultura, utilizando suas habilidades literárias para fomentar a reflexão, o debate e a conscientização sobre questões relevantes para o grupo e para a sociedade.

Essa responsabilidade também se estende à preservação do próprio sodalício, zelando por sua continuidade e relevância ao longo do tempo. Por isso a contribuição de cada membro é essencial para que o grupo se mantenha vigoroso, cumpra sua missão estatutária e perpetue a arte literária.

Portanto integrar um sodalício literário é aceitar o desafio de se comprometer com algo maior do que si mesmo. É assumir a responsabilidade de ser um guardião da cultura, um defensor da palavra

⁹ Exposição realizada no V Encontro Estadual das Academias de Letras do Maranhão em 30/08/2024 em Barreirinhas, Estado do Maranhão.

¹⁰ Escritor e Coronel Veterano da Polícia Militar do Maranhão. Presidente da Academia de Letras dos Militares Estaduais do Brasil e do Distrito Federal (ALMEBRAS); Presidente da Academia Maranhense de Ciências, Letras e Artes Militares (AMCLAM); Vice-presidente da Federação das Academias de Letras do Maranhão (FALMA).

e um promotor do saber, contribuindo para que a literatura continue a iluminar os caminhos do conhecimento e da sensibilidade humana.

Absorver os ensinamentos das raízes históricas e filosóficas que remontam à Academia de Platão, fundada na Grécia Antiga, é essencial, pois a busca pelo conhecimento era vista não apenas como aprendizado, mas como um santuário do saber.

A prática da dialética socrática, central na Academia, valorizava o questionamento e o debate como métodos para alcançar a verdade. Essa tradição estabeleceu as bases da educação e da pesquisa acadêmica, promovendo um ambiente onde o conhecimento é continuamente construído e renovado por meio da crítica e reflexão.

Nesse processo, reside o desenvolvimento intelectual, garantindo que a busca pelo conhecimento seja feita de maneira rigorosa e questionadora, influenciando, profundamente, nossa compreensão e prática da educação até os dias atuais.

Revisitando a história, tem-se conhecimento de que, ao longo dos séculos, várias Academias foram criadas ao redor do mundo, incluindo no Brasil, e a mais antiga em atividade é a *Accademia della Crusca*, fundada em 1583, em Florença, Itália, e dedicada à preservação da língua italiana.

No Brasil, nossas tradições acadêmicas foram fortemente influenciadas pela *Académie Française*, fundada em 1635 por Richelieu, sob o reinado de Luís XIII. Composta por quarenta membros conhecidos como "*les Immortels*", é uma das mais prestigiadas instituições culturais da França, com a missão de preservar e regulamentar a língua francesa, e é considerada a matriarca das instituições literárias brasileiras.

A criação da Academia Brasileira de Letras (ABL), em 20 de julho de 1897, foi diretamente inspirada pelo silogeu francês. Fundada por Machado de Assis e outros escritores brasileiros, a ABL adotou a estrutura e os objetivos da instituição francesa, buscando promover a literatura e a língua portuguesa em nosso país. Tal como sua inspiradora, a ABL é composta por quarenta membros, também chamados de "imortais," e, desde sua fundação, tem desempenhado um papel central na cultura e na literatura do país, influenciando, profundamente, o desenvolvimento e a preservação da língua portuguesa.

Nesse viés destaco a importância do cultivo das tradições acadêmicas no que se refere à simbologia, às vestes e ao colar acadêmico. O cultivo dessas tradições desempenha um papel crucial na preservação da identidade e dos valores das instituições acadêmicas. Essas tradições não são meros ornamentos, mas símbolos ricos em significado, que reforçam a continuidade, a solidez e o prestígio da academia.

Ao cultivar essas tradições, as instituições acadêmicas mantêm viva a conexão com suas origens e reafirmam seu compromisso com os

valores que as sustentam. Esse respeito pelas tradições não apenas fortalece a identidade acadêmica, mas também inspira as novas gerações a valorizarem e perpetuarem o legado intelectual e cultural da academia.

Finalizo enfatizando a necessidade do apoio dos poderes públicos no fortalecimento das instituições culturais literárias que poderia se efetivar por meio da Lei nº 11.661, de 31/03/2022, que autorizou o governo do Estado do Maranhão a consignar no orçamento geral do Estado do Maranhão, recursos para as Academias de Letras. Uma pequena subvenção social que resolveria a penúria dos sodalícios maranhenses, a depender apenas do decreto de regulamentação; sem entrar nos meandros de nenhuma natureza, a boa vontade em efetivar essa iniciativa, não tenho a menor dúvidas se transformará em um exemplo para o Brasil.

Assim Sou Eu¹¹

Armando Pereira Mendonça¹²

Sou filho. Sou pai. Sou avô. Sou gaúcho de São Pedro do Sul – Nascido no Xiniquá. Tenho fê em Deus. Não tenho medo. Sou amigo dos meus amigos. Creio Deus mais do que tudo. Sou igual a qualquer gente, pois não nasci diferente e respiro o mesmo ar. Tenho prazer em viver, sempre estou de bem com a vida. Sinto dor, frio, sinto fome, sinto calor, alergias, sinto tristeza e alegria e igual será a partida. – Sou gente e gosto de gente mesmo com seus sofrimentos. Sou um ser sem medidas, - Sou do tamanho do meu pensamento e agradeço minha mãe por ter me dado ensinamento, - Eu sou o ar que respiro, - Sou o sangue circulante, -Sou osso duro de roer, - Sou nervo forte elástico.

Sou rude igual couro cru, -Sou árvore de cerne duro, -Sou também árvore macia, -Sou rio, -Sou sanga, - Sou vertente, -Sou pedregoso riacho, -Sou banhado, -Sou coxilha, -Sou ladeira, -Sou trilho, -Sou estrada sem picada, -Sou grande despenhadeiro, -Sou poeira de cascalhos, -Sou mato cheio de bichos, -Sou várzea cheia de gado e mandas de potros xucros, - Sou lajeado pedregoso, - Sou barro de passador sovado de tão pisado, - Sou potro duro de queixo, - Sou cavalo carroceiro, -Sou burro cheio de baldas, - Sou touro que pula a cercas e vai para o meio da tropa e ali fica aperreado, -Sou cavalo de garupa, -Sou argila que se amolda com água quente ou fria, -Sou fã da cidadania, -Sou vidro, ouro – Sou cobre, -Sou ferrugem, -Sou prata, -Sou lata, -Sou pó de cimento e cal misturado com areia, -Sou ferro, -Sou arame, -Sou prego, - Sou viga concretada sustentando a construção, -Eu sou de tudo um misturado, -Sou uma cruz de raças, -Sou água cristalina, -Sou veneno e poluição. -Sou vacina contra a raiva e curativas de algumas doenças malignas, -Sou machado, -Sou facão, faca afiada e canivete, -Sou máquina de puxar arame e tesoura de esquilar ovelha, -Sou igual pá de bolhar telha, estou sempre reluzente. Não sou bêbado, nem fumante, procuro não cheirar mal, pois esses vícios fazem mal e solta um cheiro

¹¹ Do livro *Abrindo a cancela da vida*. Santa Maria: Pallotti, 2006, p. 76.

¹² Capitão da Brigada Militar, natural de São Pedro do Sul (RS), nascido a 29.7.1936 e falecido a 8.6.2017. Ingressou na Brigada Militar em 18.1.1958 e transferiu-se para a Reserva em 1984. Poeta e prosador com vários livros publicados e participações em obras coletivas. Fundador da Casa do Poeta de São Pedro do Sul. Membro da Casa do Poeta de Santa Maria. Foi Patrono da XII Feira do Livro de São Pedro do Sul em 2011. É o patrono da cadeira nº 32 da Academia Brigadiana de Letras (ABRIL-RS).

nojento. -Sou laço de quatro tentos, -Sou maneador, -Sou freio e sou bocal, -Sou bridão para jumento, -Sou lavoura, -Sou jardim e também gosto de mim educo os meus sentimentos distribuindo paz e amor nos sentidos da Rosa dos Ventos.

Sou grosso como uma viga, -Sou pedinte de conselho, -Sou um cabo de relho, -Sou bainha de facão, - Eu sou a Fauna e a Flora, -Sou aluno e professor, Sou açude, Sou barragem, -Sou uma estância cercada com fios de arame farpado, -Sou palanque de banhado que se move mas não cai. Sou o Rio Uruguai que limita o meu Rio Grande, mas aos poucos se expande e leva água para o mar, -Sou de coração mole, nos bons exemplos me espelho, - Sei rezar, - Dobrar os joelhos e agradecer ao Criador, -Por me dar este coração sempre estourando de amor, - Sou velho, ora sou criança que brinca e rola no chão cheio de felicidade e amor no coração, -Sou vida até não sei quando, aguardo a transformação, -Sou Sol, -Sou Vento, - Sou inverno, -Sou primavera, -Sou verão, enquanto estiver aqui ou cumprir minha missão, tratar todos com respeito. Só não sirvo para capacho, -Sou filho de gente direita, -Tenho vergonha na cara, - Sou pequeno, mas sou macho. Graças a Deus.

Poesia

RAÍZES BEDUÍNAS PARA UM CANTO GAÚCHO

*Moisés Silveira de Menezes*¹³

Livre, surgiu no deserto
Tripartido por amor
À tenda, à lança, ao cavalo.
Nômade, migrou no rumo
que lhe apontava a inquietude
na sina externa de andar.
Inconforme o sangue berbere
o faz aportar na Europa
pra fazer história e Pátria
ao comando de Tarique.

Maraghat, margem esquerda
do grande rio solitário
berço dos avoengos
os que de lança e guitarra
traziam desertos no olhar
sob tormentas de cascos.
Os estandartes do Islã
conquistam o Velho Mundo
fazendo casa e quintal
nos altiplanos da Ibéria.

Por quase oitocentos anos
beduínos ensinamentos
modificaram a paisagem,
artes, costumes, crenças.
Surge a Espanha sarracena,
Fulguram raios de Allambra,
lendas, miragens, visões,
lindas moiras encantadas
cantam os cantos dolentes
dos poetas de Sevilha.

¹³ Tenente-Coronel Veterano da Brigada Militar do RS, poeta, escritor e pesquisador. Membro da Academia Brigadiana de Letras do Rio Grande do Sul (ABRIL-RS).

No silêncio das montanhas,
fixada a alma errante,
vai dar vazão aos encantos
das velhas canções mouriscas
na plangência das guitarras.
O tempo o vai esculpindo
sem olvidar velhas crenças
e um guerreiro libertário
vai-se forjando “al despacio”
no contraponto dos dias.

Por instinto e dinastia
cruzou as distintas raças
que foi montando a lo largo.
Mais tarde, Mendoza trouxe
pra pampa sul ameríndia,
da cruza moura-andaluz,
os potros que alaram homens
que honraram a cor do lenço
e amaram belas mulheres
no intermédio das guerras.

Entre Astarga y El teleno
Leão, província espanhola
se aquerenciaram aos poucos.
Bombachas largas, vistosas,
jalecos, faixas bordadas,
botas altas e sombreros,
casqueiros por profissão.
Arrieiros vagos, no entanto
migram por campos e mares
rumo ao sul americano.

Uruguay – la patria nueva
del señor de lo desierto.
Allí, el gaucho maragato
apareció en San José,
fita roja en el sombrero
con divisas de muy lejos
“por mi patria”, “por mi amor”,
“todo por la libertad”
debajo de un cielo azul
con los sueños por delante.

Argentina, pampa larga,
também recebe “el moruno”,
cavalgando a “la jineta”
um flete, olhos de águia
força dos ventos e rios.
La tierra sur-amerindia
templó aún más su carácter
payador y guitarrero
fuerza y alentó de gigante
corazón y alma de ñandubay.

93, clarinadas
cavalarias em carga
espadas em mãos de ferro
lendárias “divisas rojas”
nas hostes de Gumercendo
invadem a pampa gaúcha
de a cavalo entram na história,
viram lendas, causos, mitos,
la gente noble y valiente
rio grandense e maragata.

Nos tempos claros de paz
andejos cruzam os campos
dois idiomas para “el gaúcho”,
três bandeiras, um só canto.
Habitam cifras, milongas
no bojo das andaluzas
que sonorizam a pampa
como a quebrar o encanto
da moura da Salamanca
que se escondeu no Jarau.

POESIA: O MENOS É MAIS¹⁴

Joaquim Moncks¹⁵

Em Poética, tudo é invenção. Farsa, mentira, fantasia. A alegoria e o sonho comparecem, conteúdo e ambientação dão o ar da graça.

Aristóteles, arquiteto de sabedorias, acentua que Poesia é o que poderia ter ocorrido na realidade fática e não aconteceu.

Fugindo aos fatos no mundo real, dançando ao ritmo dos versos, focado na síntese verbal, escapa-se ao derramamento. O desafio é dizer pouco e sugerir múltiplos significados.

Se quisermos espichar a conversa, convoque-se a Prosa. Por ser pedra preciosa é que a Poesia encanta. E o encantamento nasce na palavra transfigurada em imagem.

Pega de jeito o audível e as retinas: entre o espanto e a lágrima.

¹⁴ Do livro inédito *Conversa de Hospício*, 2024.

<https://www.recantodasletras.com.br/escrivania/publicacoes/preview.php?id=8116490>

¹⁵ Joaquim Moncks é Ten Cel RRBM. Advogado. Na Academia de Polícia Militar, foi professor de Criminologia, Ciência e Direito Penitenciário, Direito Processual Penal Militar e Segurança Empresarial. Ativista Cultural. Poeta. Declamador. Conferencista. Ensaísta. Analista literário. Jurado em certames de poesia e música. Membro titular da Academia Rio-Grandense de Letras e da Academia Brigadiana de Letras, ambas sediadas em Porto Alegre/RS.

O TRESPASSE¹⁶

Joaquim Moncks

Lapso inusitado de conceber
Deixar-se aflorar no espanto,
instante em que o autor
subsome-se à des/ordem

O caos – num clique de compor
o surgimento dos sons
amorfo à sensação de risco
em surdina
recepçiona a gutural voz
da clausura

De somenos, o Mistério
cirandeia versos e gestos
cuspindo palavras ao vento.

¹⁶ Do livro inédito *Conversa de Hospício*, 2024.
<https://www.recantodasletras.com.br/escrivantina/publicacoes/preview.php?id=8112478>

PÁTRIA E LINGUAGEM¹⁷

Joaquim Moncks

Desvirgino o verso
como quem sabe dos segredos:
Pátria, amada alma
em que mora a doce inocência.
Alucinante é a linguagem dos que amam.
Na permanente canção do tempo
nem o temor das perdas.

A liberdade se auto desenha,
alegre dama da noite, dos cubículos
das favelas, fanal doido, que mesmo triste
inscreve arabescos por onde passa.

O espiritual sussurra nos violões. Empolgados,
dias luas estradas cochicham poesia.
Olhos fixos no céu de esperanças, a nação
é a trincheira dos encontros. Cantemos.

Motivos somos nós mesmos, ideias, sombras
cristais de emoções espargindo o frescor
de esmeraldas auriverdes do nada.

Do cais maduro fogem (oxi)gênios
do rio às escuras, larvas luminosas,
mudas vivências, turvo aquário
em que se aprende a nadar silêncios.

¹⁷ Do livro inédito *Conversa de Hospício*, 2024.
<https://www.recantodasletras.com.br/escrivantina/publicacoes/preview.php?id=812>

Às Vezes¹⁸

Armando Pereira Mendonça¹⁹

Às vezes eu canto
Às vezes eu rio
Às vezes eu choro
Às vezes eu assobio
Às vezes eu trabalho
Às vezes eu fico vadio

Às vezes eu ando
Às vezes eu paro
Às vezes eu corro
Às vezes eu caminho
Às vezes eu reclamo
Por estar sozinho

Às vezes eu escrevo
Às vezes eu leio
Às vezes eu rezo
Às vezes eu reclamo
Na minha solidão
Rogando a Deus
Com muita paixão

Às vezes penso em estar sozinho
Às vezes vejo que não é verdade
Às vezes sou injusto comigo mesmo
Às vezes privo minha liberdade
Às vezes desprezo meus amigos
Às vezes me remordo de saudade!

¹⁸ Do livro *Cantos de amores e saudades*, Santa Maria: Pallotti, 2007, p.37.

¹⁹ Capitão da Brigada Militar, natural de São Pedro do Sul (RS), nascido a 29.7.1936 e falecido a 8.6.2017. Ingressou na Brigada Militar em 18.1.1958 e transferiu-se para a Reserva em 1984. Poeta e prosador com vários livros publicados e participações em obras coletivas. Fundador da Casa do Poeta de São Pedro do Sul. Membro da Casa do Poeta de Santa Maria. Foi Patrono da XII Feira do Livro de São Pedro do Sul em 2011. É o patrono da cadeira nº 32 da Academia Brigadiana de Letras (ABRIL-RS).

MUDANÇA DE ESTAÇÃO²⁰

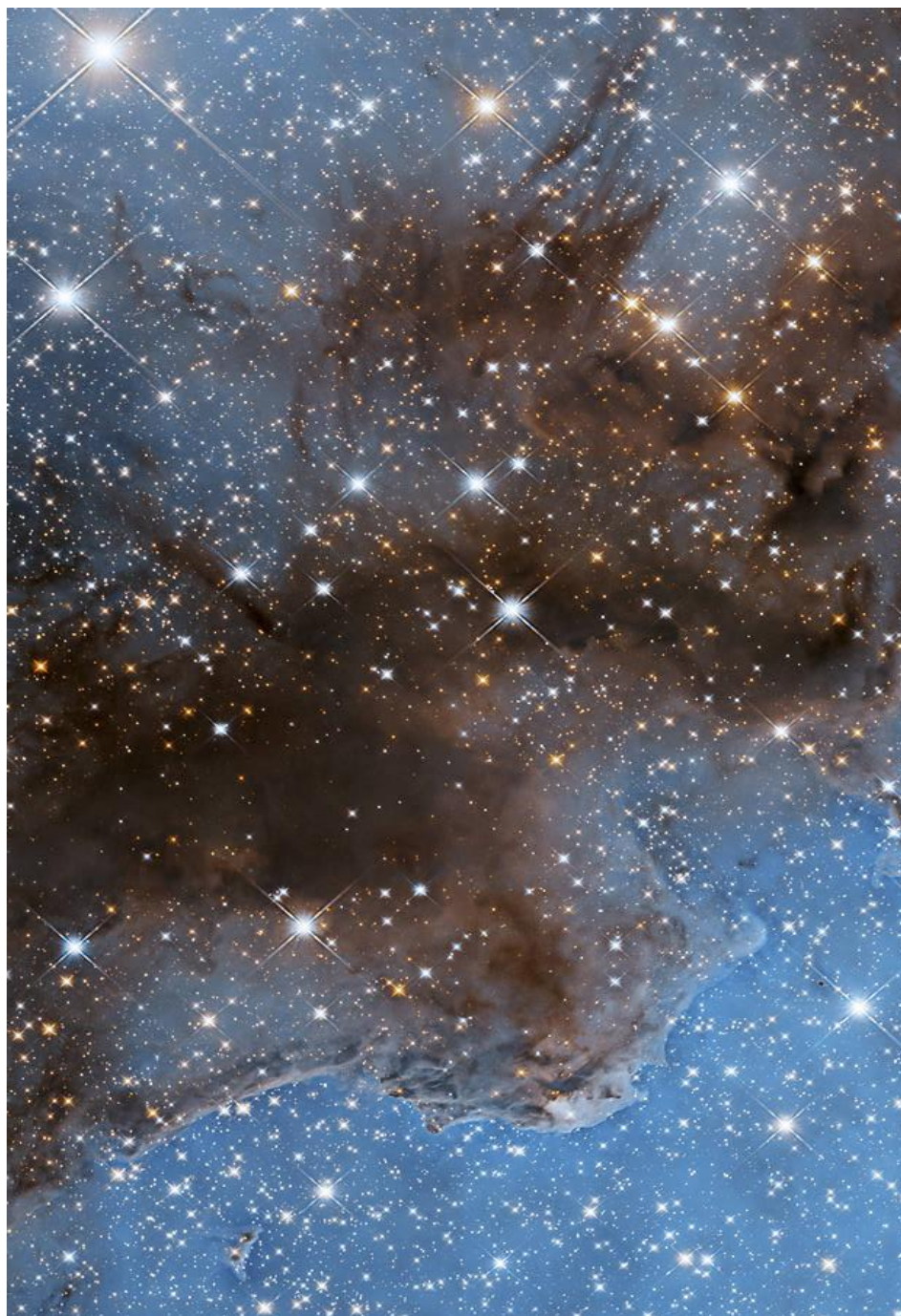
Érico de Queiroz²¹

O verão está chegando.
E os sinais são inequívocos:
os decotes começam a descer,
as saias começam a subir
e as velhinhas,
com suas sombrinhas,
comem sorvete, refesteladas,
passeando pelas calçadas...

Porto Alegre, 23.11.1991

²⁰ Do livro *Poemas Perdidos*. Porto Alegre: Flâmula, 2025.

²¹ Da Academia Brigadiana de Letras do Rio Grande do Sul.



Pindorama

REVISTA BRASILEIRA DE LITERATURA
UMA PUBLICAÇÃO DA ACADEMIA BRIGADIANA DE LETRAS DO RS